

ENTRE QUATRO PAREDES

Jean Paul Sartre

(Tradução de Guilherme de Almeida)

Personagens: **Inês**
 Estelle
 Garcin
 O criado

Cena 1

Garcin, o criado do andar. Um salão em estilo Segundo Império. Um bronze sobre a lareira.

Garcin (*que entra e olha em torno*) - Pois é...

Criado - Pois é.

G - Então é assim...

C - É assim.

G - Acho que com o tempo a gente se acostuma com os móveis.

C - Isso depende das pessoas.

G - Será que todos os quartos são iguais?

C - Que idéia! Recebemos chineses, hindus... Que quer que eles façam com uma poltrona Segundo Império?

G - E eu? Que quer que eu faça? Sabe quem era eu? Ora! Isso não tem importância. O que é fato é que sempre vivi no meio dos móveis, de que não gostava, e de situações falsas. Achava isso adorável. Que tal; uma situação falsa numa sala de jantar a Luis Felipe?

C - Vai ver: também não ficará mal num salão Segundo Império.

G - Ah! Bom, bom, bom... (*Olha em torno*): Em todo caso, por essa eu não esperava... Mas não me diga que não sabe o que se diz por lá!

C - Sobre o quê?

G - Quer dizer... (*Num gesto vago e largo*): Sobre isso tudo.

C - Acredita nessas tolices? Gente que nunca pôs os pés aqui. Se ao menos já tivessem estado por aqui...

G - É mesmo. (*Ambos riem. Garcin fica sério de repente*) - Onde estão as estacas?

C - O quê?

G - As estacas, as grelhas, os funis de couro...

C - Está brincando?

G (*Silêncio*) - Como? Ah... bem... Não, não estava brincando. (*Silêncio. Anda um pouco*): Nem espelhos, nem janelas, naturalmente. Nada que seja frágil. (*Com súbita violência*): E por que me tomaram a escova de dentes?

C - Aí está a dignidade humana que volta. É formidável.

G - (*Batendo com raiva na poltrona*) - Nada de formalidades comigo. Reconheço minha posição, mas não admito que...

C - (*Cortando*) - Está bem, desculpe. Mas, o que quer? Todos os fregueses fazem a mesma pergunta. Mal chegam e querem saber: "Onde estão as estacas"? Garanto que nesse instante nem estão pensando em fazer sua *toilette*. Depois, ficam mais calmos, e aí vem a escova de dentes. Mas, pelo amor de Deus, pense um pouco. Afinal de contas, permita que eu lhe pergunte: por que escovar os dentes?

G - (*Calmo e sossegado*) - É mesmo. Por quê? (*Olha em torno*) - E por que olhar nos espelhos? Ao passo que esse bronze, felizmente... Creio que há certos momentos em que seria capaz de olhar firme. De olhar firme, hein? Ora, ora! Não há nada que ocultar: diga-lhe que conheço bem minha situação. Quer que lhe conte como essas coisas se passam? O sujeito sufoca, mergulha, afoga, fica apenas com os olhos fora d'água, e o que é que vê? Um bronze de Barbedienne. Que pesadelo! Com certeza proibiram você de me responder? Não insisto. Mas não se esqueça de que ninguém me pilha assim à toa. Não vá se gabar de me haver surpreendido. Não sei encarar a situação de frente. (*Continua a*

andar): Então, nada de escovas de dente. Nada de cama também. Porque não se dorme nunca, não é isso?

C – Ora essa!

G – Eu era capaz de apostar. Por que essa gente havia de dormir? O sono ataca por trás das orelhas. Sente-se olhos se fechar, mas por que dormir? A gente se senta no sofá e psssst... Adeus sono! Então, esfrega os olhos, levanta-se e tudo recomeça.

C – Como o senhor é romanesco!

G – Cale-se! Não vou gritar, nem gemer, mas quero encarar a situação de frente. Não quero que ela se atire sobre mim por trás, sem que eu possa reconhecê-la. Romanesco? Então é que não se tem mesmo necessidade de sono. Por que dormir, se não se tem sono? Ótimo. Espera, espera aí. Por que é que há de ser doloroso, por que é que há de ser forçosamente doloroso? Já sei: é a vida sem interrupção.

C – Que interrupção?

G – (*Remedando-o*): Que interrupção? (*Desconfiado*): Olhe bem para mim! Eu sabia. Aí está o que explica a indiscrição grosseira e insustentável do seu olhar. De fato, estão atrofiadas.

C – Do quê o senhor está falando?

G – De suas pálpebras. Nós... nós batíamos as pálpebras. Chamava-se a isso *piscar*. Um pequeno relâmpago negro, uma cortina que cai e se ergue: deu-se a interrupção. Os olhos se umedecem, o mundo se aniquila. Não pode imaginar como era refrescante! Quatro mil repousos por hora. Quatro mil pequenas evasões. Quatro mil, digo eu... Como é? Então, vou viver sem pálpebras? Não se faça de bobo. Sem pálpebras, sem sono, é a mesma coisa. Nunca mais hei de dormir... Como poderei me tolerar? Trate de responder, faça um esforço! Tenho um caráter implicante, como vê, e tenho o costume de implicar comigo mesmo. Mas... mas, não posso estar implicando sem parar. Por lá, havia as noites. Eu dormia. Tinha o sono leve. Em compensação, sonhava coisas simples. Havia uma campina. Uma campina, nada mais. Eu sonhava que estava passeando por ela. É de dia?

C – Como vê, as lâmpadas estão acesas.

G – De fato. É esse o dia de vocês. E lá fora?

C – (*Estupefato*): Lá fora?

G – Lá fora, do outro lado dessas paredes...

C – Há um corredor.

G – E no fim do corredor?

C – Há outros quartos, outros corredores e escadas.

G – E que mais?

C – Nada mais.

G – Você naturalmente tem um dia de folga. Aonde costuma ir?

C – Em casa de meu tio, que é chefe dos criados, no terceiro andar.

G – Eu devia ter desconfiado. Onde está o interruptor da luz?

C – Não existe.

G – Como é? Não se pode apagar?

C – A gerência pode cortar a corrente elétrica. Mas não me lembro se já aconteceu isso neste andar. Temos eletricidade à vontade.

G – Muito bem. Quer dizer que a gente tem de viver de olhos abertos?

C – (*Irônico*): Viver...

G – Não vá me aborrecer agora por uma questão de vocabulário. De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia em meus olhos. E nada na minha cabeça. (*Pausa*). E se eu atirasse esse bronze contra a lâmpada elétrica? Será que ela se apagaria?

C – É muito pesado.

G – *(Tomando o bronze entre as mãos e tentando erguê-lo)*: Tem razão... É muito pesado! *(Silêncio)*.

C – Se não precisa mais de mim, vou me retirar.

G – *(Sobressaltado)*: Vai-se embora? Até logo. *(O criado chega até à porta)*: Espere! *(O criado se volta)*: É uma campainha isso aí? *(O criado faz sinal que sim)*: Posso tocar quando quiser e você tem obrigação de atender?

C – Em princípio, sim. Mas a campainha é caprichosa. Há qualquer coisa errada com o mecanismo.

G – *(Vai até à campainha, aperta o botão. Ouve-se o tocar)*. Funciona!

C – *(Espantado)*: Funciona! *(Toca também)*: Mas não se entusiasme muito. Isso não dura. Então, às suas ordens!

G – *(Num gesto para detê-lo)*: Eu...

C – O que há?

G – Não, não é nada. *(Caminha pela sala)*: Isso... O que é?

C – Não está vendo? Um corta-papel.

G – Há livros por aqui?

C – Não!

G – Então, para quê isso? *(O criado dá de ombros)*: Está bem. Pode se retirar. *(O criado sai)*.

Cena 2

Garcin está só. Vai até o bronze e o apalpa. Senta-se. Levanta-se. Vai até à campainha e aperta o botão. Ela não toca. Experimenta dois ou três vezes, em vão. Dirige-se à porta e tenta abri-la. Não consegue. Ele chama: "Criado, criado..." Nenhuma resposta. Esmurra a porta, chamando o criado. Acalma-se, subitamente. Nesse instante, abre-se a porta e entra INÊS, acompanhada do criado.

Cena 3

C – *(A Garcin)*: O senhor chamou?

G – Não!

C – *(Dirigindo-se a Inês)*: Está em sua casa, minha senhora. *(Silêncio)*: Se tiver alguma pergunta a fazer... *(Inês não fala. O criado está desapontado)*. Os fregueses geralmente gostam de pedir informações... Não importa... Além do mais, quanto à escova de dentes, a campainha e o bronze de Barbedienne, este senhor está a par de tudo e poderá informar tão bem quanto eu. *(Sai. Silêncio. Garcin não olha para Inês. Inês observa em redor e dirige-se bruscamente a Garcin)*:

I – Onde está Florence? *(Silêncio de Garcin)*. Pergunto-lhe: Onde está Florence?

G – Não sei de nada.

I – Foi só isso que consegui descobrir? A tortura pela ausência? Pois falhou. Florence era uma bobinha e não me faz falta.

G – Queira perdoar-me. Quem está pensando que eu sou?

I – O senhor ? O senhor é o carrasco.

G – *(Sobressalta-se e põe-se a rir)*: É um equívoco engraçadíssimo. O carrasco! É boa! A senhora entrou, olhou para mim e pensou: é o carrasco. Que extravagância! O criado é ridículo: deveria ter-nos apresentado. O carrasco! Eu sou Joseph Garcin, publicitário e

homem de letras. O fato é que estamos hospedados no mesmo estabelecimento, senhora...

I – (*Secamente*): Inês Serrano. Senhorita.

G – Muito bem. Perfeito. Derreteu-se o gelo. Quer dizer que me acha com cara de carrasco? Quer fazer o favor de me explicar como se reconhecem os carrascos?

I – Têm cara de quem tem medo.

G – Medo? É esquisitíssimo! Medo de quem? De suas vítimas?

I – Ora! Sei bem o que estou dizendo. Espelho não me falta.

G – Espelho? (*Olha em volta*): Que maçada! Tiraram daqui tudo quanto pudesse se parecer com um espelho. (*Pausa*). Em todo caso, posso lhe garantir que não tenho medo. Não considero levemente a situação, e estou perfeitamente cômico de sua gravidade. Mas não tenho medo.

I – (*Dando de ombros*): Isso é com o senhor. Será que o senhor sai de vez em quando para um passeio?

G – A porta está trancada.

I – É pena.

G – Compreendo muito bem que minha presença a aborrece. E se dependesse de mim, preferiria estar só. Tenho que pôr a vida em ordem e preciso de sossego. Mas tenho certeza de que nos acostumaremos um com o outro. Não falo, quase não me movo, e faço pouco barulho. Apenas, se me atrevo a dar um conselho, será bom conservarmos entre nós uma extrema polidez. Será nossa melhor defesa.

I – Não sou bem educada.

G – Eu o serei por nós dois. (*Um silêncio. Garcin está sentado no sofá. Inês, andando de um lado para outro*).

I – (*Olhando-o*): Essa boca.

G – (*Voltando a si*): Como é?

I – Não é capaz de fazer parar sua boca? Ela gira como um pião debaixo do nariz.

G – Desculpe. Não tinha percebido.

I – É justamente o que estou censurando. (*A boca é o tique de Garcin*). De novo! Pretende ser bem educado e deixa sua cara assim, à toa? O senhor não está sozinho e não tem o direito de me impor o espetáculo do seu medo.

G – (*Ergue-se e se dirige a ela*): E a senhora? Não tem medo?

I – Para quê? O medo era bem antes, quando tínhamos esperança.

G – (*Com doçura*): Não há mais esperança, mas estamos sempre antes. Ainda não começamos a sofrer.

I – Bem sei. (*Um tempo*): Então, o que é que vai acontecer?

G – Não sei. Estou esperando.

(*Silêncio. Garcin vai se sentar de novo. Inês continua a andar. Garcin torce a boca e, ao olhar para Inês, esconde o rosto nas mãos. Entra Estelle e o criado*).

Cena 4

E – (*Olha para Garcin, que não ergueu a cabeça, e a ele se dirige*): Não! Não, não erga a cabeça! Eu sei que está escondendo a cabeça nas mãos. Sei que não tem cara! (*Garcin tira as mãos do rosto*): Ah... (*Um tempo. Surpreendida*): Não conheço o senhor!

G – Não sou carrasco, minha senhora.

- E – Não pensei que fosse o carrasco. Eu... eu pensei que alguém quisesse me pregar uma peça. (*ao criado*): Quem mais está esperando?
- C – Ninguém mais.
- E – (*Aliviada*): Ah! Então vamos ficar só nós três... O senhor, a senhora, e eu? (*Põe-se a rir*).
- G – (*Secamente*): Não vejo razão para rir.
- E – (*Ainda rindo*): E esses sofás... são medonhos! E vejam como estão colocados! Parece que é dia de Ano Novo e que eu estou visitando minha tia Marie. Cada qual tem o seu, imagino. É este o meu? (*Para o criado*): Eu nunca seria capaz de sentar-me nele: é uma catástrofe. Não combina absolutamente com minha roupa! (*Ela está de azul, o sofá é verde*).
- I – Quer ficar com o meu?
- E – O sofá “Bordeaux”? A senhora é muito amável, mas isso de pouco adiantaria. Não. O que fazer? Cada qual com o que é seu. Coube-me o verde: fico com ele. (*Um tempo*): O único que combinaria é o desse senhor. (*Um silêncio*).
- I – Está ouvindo, Garcin?
- G – (*Sobressaltado*): O... sofá. Oh, perdão! (*Levanta-se*): É seu, minha senhora.
- E – Obrigada. (*Tira o “manteau” e o deixa sobre o sofá. Um tempo*). Já que temos de morar juntos, vamos nos apresentar. Chamo-me Estelle Rigault. (*Garcin se inclina e vai se apresentar, quando Inês se interpõe*):
- I – Inês Serrano. Prazer em conhecê-la.
- G – (*Inclina-se de novo*): Joseph Garcin.
- C – Precisam ainda de mim?
- E – Não. Pode ir. Se precisar, chamarei. (*O criado sai*).

Cena 5

- I – A senhora é muito bonita. Eu queria Ter flores para lhe desejar boas-vindas.
- E - Flores? É mesmo. Gostava muito de flores. Aqui, elas murchariam. Faz tanto calor! Ora, o principal, não acha?, é conservar o bom humor. A senhora está...?
- I – Sim, a semana passada. E a senhora?
- E - Eu? Ontem. A cerimônia ainda não acabou. (*Fala com muita naturalidade, como se estivesse vendo o que descreve*): O vento desmancha o véu de minha irmã. Ela faz o que pode para chorar. Vamos, vamos! Mais um esforço. Aí está: duas lágrimas, duas lágrimas pequenas, brilhando sobre o crepe. Olga Jardet... está muito feia essa manhã. Sustem minha irmã pelo braço. Não chora por causa do *rimmel*. e devo confessar que eu, no seu lugar... era minha melhor amiga.
- I – A senhora sofreu muito?
- E – Não. Estava embrutecida.
- I – O que foi que...?
- E – Uma pneumonia. Pronto. Acabou-se. Vão-se embora todos. Bom dia. Bom dia. Quantos apertos de mão! Meu marido ficou em casa: está doente de pesar. (*A Inês*): E a senhora?
- I – Gás.
- E – E o senhor aí?
- G – Doze balas no peito. (*Gesto espantado de Estelle*): Desculpe-me. Não sou um morto de boa sociedade.
- E – Oh! Meu senhor, se quisesse deixar de empregar palavras tão cruas assim! É... é chocante. Afinal de contas, o que significa isto? Quem sabe se nunca estivemos tão vivos

quanto agora? Quando for, preciso referir-me a este estado de coisas, proponho que nos chamemos *ausentes*, será mais correto. O senhor: há quanto tempo está *ausente*?

G – Há um mês, mais ou menos.

E – De onde é o sr.?

G – De Rien.

E – Eu, de Paris. Ainda tem alguém por lá?

G – (*Cabisbaixo*): Minha mulher. Ela veio ao quartel, como todos os dias, não a deixaram entrar. Olha entre as barras das grades. Ainda não sabe que estou *ausente*, mas desconfia. Vai-se embora agora. Está toda de preto. Tanto melhor: não precisará mudar de roupa. Ela não chora. Não chorou nunca. O sol está lindo e ela está toda de preto na rua deserta, com aqueles seus grandes olhos de vítima. Ah, ela me irrita!

I – (*Silêncio. Garcin vai se sentar no sofá do meio e esconde a cabeça entre as mãos. Inês fala*): Estelle!

E – Senhor, senhor Garcin.

G – Senhora!...

E – O sr. se sentou no meu sofá.

G – Perdão. (*Levanta-se*).

E – Parece distraído.

G – Estou pondo minha vida em ordem. (*Inês começa a rir*): Os que riem fariam melhor se me imitassem.

I – Minha vida está em ordem. Perfeitamente em ordem. Ela mesmo se pôs em ordem por lá! Não tenho que me preocupar com isso.

G – Verdade? E a senhora acha isso tão simples? (*Passa a mão pela testa*): Que calor! Dão-me licença? (*Faz menção de tirar o paletó*).

E – Ah, não! (*Com mais doçura*): Isso não. Tenho horror a homens em mangas de camisa.

G – (*Vestindo de novo o paletó*): Está bem... Passava as noites na sala da redação. Fazia sempre um calor de esterco. Faz um calor de esterco. É noite.

E – É verdade! Já é de noite. Olga se despe. Como o tempo passa depressa na terra!

I – É de noite. Lacraram a porta do meu quarto. E o quarto está vazio, no escuro.

G – Eles puseram os paletós no encosto das cadeiras e enrolaram as mangas da camisa acima dos cotovelos. Há um cheiro de homem e de tabaco. (*Silêncio*). Eu gostava de viver no meio de homens em mangas de camisa.

E – (*Serriamente*): Pois é, não temos o mesmo gosto. É tudo o que isso quer dizer. (*A Inês*): E a sra? Gosta disso? De homens em mangas de camisa?

I – Em mangas de camisa, ou não... não gosto de homens.

E – (*Com espanto, olha para os dois*): Mas, por que... por que nos puseram juntos?

I – (*Num grito abafado*): Que está dizendo?

E – Olho para os dois, e penso que temos de morar juntos... Eu esperava encontrar aqui amigos, família...

I – Um excelente amigo com um buraco no meio da cara.

E – Esse também. Dançava tango como um profissional. Mas nós... nós... porque foi que nos juntaram?

G – (*Inês ri*): Ora, por acaso. Eles vão arrumando a gente onde podem, por ordem de chegada. (*A Inês*): Por que está rindo?

I – Porque o sr. me diverte com essa história de acaso. Será que o sr. tem assim tanta necessidade de apurar as coisas? Eles não fazem nada por acaso.

E – (*Com timidez*): Mas, quem sabe se já nos encontramos antes?

I – Nunca. Eu não a teria esquecido.

E – Então, quem sabe, temos relações comuns? Não conhece os Dubois-Seymour?

I – Acho que não.

E – Recebem todo mundo.

I – E o que fazem?

E – (*Com surpresa*): Nada... Têm um castelo em Corrèze, e...

I – Eu... eu era empregada dos correios.

E – (*Um pequeno recuo de corpo*): Ah? Então, explique-me... E o senhor, senhor Garcin?

G – Nunca saí de Rien.

E – Nesse caso o sr. tem toda a razão: foi o acaso que nos juntou.

I – O acaso? Então é por acaso que estes móveis estão aqui? É por acaso que o sofá da direita é verde e o da esquerda é “bordeaux”? Por acaso, não é? Pois experimente trocá-los de lugar e verá o que acontece. E este broze, também é um acaso? E este calor? (*Silêncio*); O que lhe digo é que tudo isso foi preparado com carinho, nos mínimos pormenores. Este aposento estava à nossa espera.

E – Mas, como assim? Tudo aqui é tão feio, tão duro, tão anguloso! Eu tinha horror aos ângulos.

I – (*Erguendo os ombros*): Pensa, então, que eu vivia num salão Segundo Império?

E – (*Um tempo e silêncio*): Então... é tudo previsto?

I – Tudo. E nós combinamos com isso tudo.

E – Não ser por um acaso que a sra. está à minha frente? Que é que eles esperam?

I – Não sei, mas esperam.

E – Não posso tolerar que esperem qualquer coisa de mim. Isso me dá logo vontade de fazer o contrário.

I – Pois então faça. Faça! Nem ao menos sabe o que querem!

E – (*Batendo o pé*). É insuportável. E por causa de vocês dois, qualquer coisa tem de me acontecer! (*Olha-os*): Por causa de vocês dois. Havia rostos que falavam logo. Os seus não dizem nada.

G – (*Bruscamente, a Inês*): Vamos! Por que é, então, que estamos juntos? Já disse muita coisa: vá até o fim!

I – (*Surpresa*): Não sei de nada disso. Não sei absolutamente nada.

G – Precisa saber! (*reflete*).

I – Se um de nós tivesse ao menos a coragem de dizer...

G - ...o quê?

I – Estelle!

E – Que é?

I – O que foi que a senhora fez? Por que a mandaram para cá?

E – (*Com vivacidade*): Mas eu não sei! Não sei absolutamente nada. Pergunto-me mesmo se isto tudo não será um equívoco. (*A Inês*): Nada de risadas. Penso só na quantidade de pessoas que... que se *ausentam* cada dia. Chegam aqui aos milhares e têm de tratar com subalternos, com empregados sem instrução. Como quer que não haja equívoco? Não dê risadas, não. (*A Garcin*): E o senhor? Diga alguma coisa. Se se enganaram no meu caso, também podiam ter-se enganado no seu. (*A Inês*): E no seu também. Não será melhor pensar que estamos aqui por equívoco?

I – É tudo que nos tem a dizer?

E – Que mais quer saber? Não tenho o que esconder. Eu era órfã e pobre e educava meu irmão mais moço. Um velho amigo de meu pai me pediu em casamento. Era rico e bom. Aceitei. Que faria a sra. no meu lugar? Meu irmão era doente e sua saúde reclamava os maiores cuidados. Seis anos vivi com meu marido, sem o menor contratempo. Há dois anos, encontrei aquele que eu devia amar. Reconhecemo-nos imediatamente. Ele queria fugir comigo e recusei. Depois, tive minha pneumonia. É tudo. Invocando certos princípios, talvez, haja quem possa me culpar de ter sacrificado a um velho a minha mocidade. (*A Garcin*): Acha que isso seja um crime?

G – Claro que não... E a sra., acha que seja um crime viver segundo seus princípios?

I – Quem poderia censurá-lo por isso?

G – Eu dirigia um jornal pacifista. Rebentou a guerra. Que fazer? Todos os olhos estavam grudados em mim. “*Vamos ver se ele terá coragem!*” Pois tive coragem: cruzei os braços e eles me fuzilaram. Que crime há nisso? Que crime?

E – (*Pousando-lhe a mão no ombro*): Não há crime. O senhor é...

I – (*Concluindo com ironia*): Um herói. E sua mulher, Garcin?

G – Que é que tem? Tirei-a da sarjeta.

E – (*A Inês*): Está vendo? Está vendo?

I – Estou vendo... Para quem está representando esta comédia, se estamos entre nós?

E – (*Com insolência*): Entre nós?

I – Entre assassinos. Estamos no inferno, minha filha, e aqui não pode haver erros, e não se condena ninguém à toa.

G – Cale-se!

I – No inferno! Condenados! Condenados!

E – Cale-se! Faça o favor de calar-se. Proíbo-a de empregar expressões grosseiras!

I – Condenada, a santinha. Condenado, o herói sem mácula. Tivemos nosso momentos de prazer, não é verdade? Houve pessoas que sofreram por nós até à morte, e isso nos divertia bastante. Agora temos de pagar.

G – (*Erguendo a mão*): Vai calar-se ou não?

I – (*Encarando-o sem medo, mas com enorme surpresa*): Ah! (*Um tempo*). Esperem aí! Agora compreendo porquê nos puseram juntos...

G – Tome cuidado com o que vai dizer.

I – Vão ver como é tolo. Tolo como tudo. Não. Não existe tortura física, não é mesmo? E, no entanto, estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos de ficar juntos, sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguma coisa que faz falta aqui: o carrasco!

G – (*A meia voz*): ...bem sei...

I – Pois é, fizeram uma economia de pessoal. Só isso. São os próprios fregueses que se servem, como nos restaurantes cooperativos.

E – Que quer dizer?

I – Cada um de nós é o carrasco para os outros dois. (*Um tempo. Eles ruminam a idéia*).

G – (*Com voz doce*): Não serei o carrasco de ninguém. Não lhes desejo mal e nada tenho a ver com as senhoras. Nada. É muito simples. Vejam só: cada qual no seu canto: esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito que se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar.

E – É preciso que eu me cale?

G – É, sim. E... e estaremos salvos. Calar-se. Olhar em si mesmo, jamais erguer a cabeça. Estão de acordo?

I – De acordo.

E – (*Hesita um pouco*). ...de acordo!

G – Então, adeus! (*Dirige-se ao seu sofá e põe a cabeça entre as mãos. Silêncio. Inês põe-se a cantar para si mesma*).

I – *Na rua das capas-brancas*

Eles plantaram palancas

E ergueram com alavancas

A força feita de trancas

Na rua das capas-brancas...

(*Nesse meio tempo Estelle empoa o rosto e pinta os lábios. Ao se empoar, procura por todos os lados, inquietamente. Remexe para um lado e outro sua bolsa. Volta-se para Garcin*):

E – O sr. terá um espelho? (*Garcin não responde*). Um espelho, um espelhinho de bolso, não importa. (*Não responde*). Se me deixam sozinha, pelo menos arranjam-me um espelho. (*Garcin continua com a cabeça entre as mãos. Não responde*).

I – (*Com solicitude*): Tenho um espelho em minha bolsa. (*Procura-o na bolsa com raiva*): Não está mais. Devem Ter ficado com ele no depósito.

E – Que aborrecimento!... (*Um tempo. Ela fecha os olhos e cambaleia. Inês corre para ampará-la*).

I – Que tem?

E – (*Abre os olhos*). Sinto uma coisa esquisita. (*Ri e se apalpa*). Com a sra. não é assim também? Quando não me vejo, por mais que me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.

I – Tem sorte. Eu sempre me sinto interiormente.

E – Ah, sim, interiormente... Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono. (*Tempo*). Meu quarto tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me vêem. Eles refletem a penteadeira, o tapete, as janelas... Como é vazio um espelho em que não estou! Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho em que eu pudesse me ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam. Por isso, ficava acordada. (*Com desespero*): Meu rouge! Tenho certeza de que pinte mal. Mas não posso ficar sem espelho por toda a eternidade!

I – Quer que eu lhe sirva de espelho? Venha, convido-a a vir à minha casa. Sente-se aí no meu sofá.

E – (*Mostrando Garcin*): Mas...

I – Façamos de conta que ele não existe.

E – Nós vamos nos fazer mal. Foi a senhora quem disse.

I – Acha que eu posso querer o seu mal?

E – Sabe-se lá!

I – Você é quem vai me fazer mal. Mas, que importa? Já que é preciso sofrer, que seja por você. Sente-se. Chegue mais perto. Mais. Olha nos meus olhos: está se vendo neles?

E – Estou tão pequenininha. Vejo-me muito mal. Muito mal!

I – Mas eu vejo você inteirinha. Faça-me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel! (*Estelle, entediada, volta-se para Garcin, como para pedir auxílio*).

E – Senhor, por favor, não estamos incomodando com nossa tagarelice? (*Garcin não responde*).

I – Deixe-o em paz. Com ele não se conta mais, estamos sozinhas. Faça-me perguntas.

E – Pinte bem meus lábios?

I – Deixe-me ver... Não. Não muito bem.

E – Bem que eu desconfiava. Felizmente (*lança um olhar a Garcin*) ninguém me viu. Vou pintar de novo.

I – É melhor. Não. Acompanhe o desenho dos lábios. Deixe que eu ajude. Assim, assim. Está bem.

E – Tão bem como eu estava quando cheguei?

I – Melhor. Mais pesado, mais cruel. Essa boca de inferno...

E – Está bem, mesmo? Como é desagradável não poder julgar-me por mim mesma. A senhora jura que está bem mesmo?

I – Não quer me tratar por “você”?

E – Você jura que estou bem?

I – Você é linda!

E – Mas será que a sra. tem bom gosto? O meu gosto? Como é desagradável, como é desagradável!

I – Tenho, sim, o seu gosto, porque você me agrada. Olhe bem para mim. Sorria. Eu também não sou feia. Será que não valho mais do que um espelho?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

